

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

**LIBERDADE E CONTROLE: DES-CONFIGURAÇÕES, IM-
POSSIBILIDADES, MEDO E RISCO EM UMA EDUCAÇÃO
DESVINCULADA DE UM PROJETO DE SOCIEDADE.**

Sérgio de Oliveira Santos¹
(Unesp - Rio Claro)
spsico@pop.com.br

RESUMO:

Uma canção de Moska toca: *sou um móbile solto no furacão. Qualquer calma me dá solidão...* Um poema de Neruda canta: *caminho, como tu, investigando a estrela sem fim e em minha rede, durante a noite, acordo nu. A única coisa capturada é um peixe dentro do vento...* Ao mesmo tempo uma obra de Foucault grita que dispositivos de *disciplina e segurança* tratam, cada um a sua maneira, de sufocar acontecimentos: o primeiro incide diretamente nos corpos em função do cumprimento de uma lei que produz certa realidade; o segundo distancia-se dos indivíduos, deixa-os de certa forma livres para depois agir na cooptação ou aniquilamento do que escapa aos seus intentos. Já não há mais um projeto de sociedade. A experiência da contemporaneidade é a perda da tutela, do colo, das divinas tetas de nossas produções culturais, éticas, estéticas e educacionais que não mais nos legam modos seguros de afetação e valoração para experienciar a vida... *Se do caos nascem os meios e os ritmos*, pensar em que pode contribuir a Psicologia Educacional para as des-harmonias (modos de de-composição) do ser humano contemporâneo faz-se objetivo do trabalho.

PALAVRAS-CHAVES:

¹ Sérgio de Oliveira Santos é graduado e licenciado em Psicologia pela Universidade Metodista de Piracicaba/SP. Atua como psicólogo clínico na cidade de Piracicaba – SP. É mestrando em Educação pela Universidade Estadual Paulista – campus Rio Claro/SP e mestrando em Direito pela Universidade Metodista de Piracicaba/SP.

IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Realidade; Liberdade; Subjetividade; Sociedade; Psicologia; Educação.

INTRODUÇÃO, JUSTIFICATIVA E OBJETIVO

Livre de quê? Que importa isso a Zaratustra? O teu olhar, porém, deve anunciar-se claramente: livre, para quê?

Nietzsche

Quem canta?

Sou um móbile solto no furacão. Qualquer calma me dá solidão.

Precário, provisório, perecível, falível, transitório, transitivo, efêmero, fugaz e passageiro. Eis aqui um vivo. Assim, vos escrevo sobre o que não sei...

Impuro, imperfeito, impermanente, incerto, incompleto, inconstante, instável, variável, defectivo. Eis aqui um vivo. Assim, como eu, minhas palavras se constituem minimamente de uma dualidade. Às vezes não significamos nada. Outras vezes, damos sentido a tudo. Somos bem mais verdadeiros junto ao que remetemos, do que, propriamente, às metáforas e signos junto dos quais nos apresentamos...

Não-feito, não-perfeito, não-completo, não satisfeito nunca, não-contente, não-acabado, não-definitivo. Eis aqui um vivo. Eis-me aqui. Vivo... Sou só a rede vazia diante dos olhos humanos na escuridão e de dedos habituados à longitude do tímido globo de uma laranja...

Caminho, como tu, investigando a estrela sem fim e em minha rede, durante a noite, acordo nu. A única coisa captura é um peixe preso dentro do vento. Assim ecoam meus fragmentos em inter-retrorelações, em colisões e embates com outras

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

notas e figuras rítmicas compondo a caótica harmonia da canção da vida. Pensar e compor alguns versos desta canção é o objetivo do presente trabalho.

Que canção é esta?

Essa canção não é intemporal. *O tempo, entre as uvas cor de sangue tornou a pedra dura e lisa, encheu a água-viva de luz, desfez o seu nó, soltou seus fios musicais de uma cornucópia feita de infinita madreperola.* Essa canção é uma onda que se propaga no infinito transmitindo energia junto de flutuações imprevisíveis. Em uma dessas flutuações, metafóricamente, na última meia hora de um calendário anual cósmico surge o ser humano que, munido de conjuntos de palavras, constiui e transforma o mundo em que vive.

O transcorrer dos tempos, espaços e narrativas possibilitou a determinados grupos de seres humanos lançar mundos no mundo, constituir sociedades, formar culturas e delinear a sí próprios, suas formas de conhecer, ser e estar no mundo. Por esta forma como disse André Abujamra:

*O mundo é pequeno pra caramba, tem alemão, italiano e italiana.
O mundo filé milanese, tem coreano, japonês, japonesa.
O mundo é uma salada russa, tem nego da Pérsia, tem nego da Prússia.
O mundo é uma esfirra de carne, tem nego do Zâmbia, tem nego do Zaire.
O mundo é azul lá de cima. O mundo é vermelho na China.
O mundo tá muito gripado, o açúcar é doce, o sal é salgado.
O mundo caquinhos de vidro, tá cego do olho, tá surdo do ouvido.
O mundo tá muito doente, o homem que mata, o homem que mente².*

DESENVOLVIMENTO

² ABUJAMRA, A. *O mundo*. No álbum Mobile de Paulinho Moska.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Rabiscos de Verdade e Verossimilhança

O homem mente. Mas o que é a verdade? São Tomaz de Aquino respondeu que *a verdade é a adequação da inteligência ao real*. E junto dessa afirmação poder-se-ia novamente perguntar: o que é a inteligência? O que é o real? E como respostas poder-se-ia obter que a inteligência é a faculdade, a qualidade ou a capacidade de compreender e envolver-se com o real, que por sua vez, seria o que existe de fato, o fenômeno, o que pode ser observado, o que pode ser experimentado. O resultante desse processo chamou-se conhecimento.

O conhecimento na tradição da Sociedade Ocidental é marcado principalmente pela obra de Immanuel Kant que, nas críticas da razão pura e prática e a crítica do juízo, dedicou-se a pensar sobre as possibilidades, limites e pretensões do conhecimento humano, destacando que o ser humano, como já apontado alhures, só pode ter o conhecimento dos fenômenos, das coisas que a ele se apresentam, que o afetam através de sua aparência, textura, sensibilidade. Afinal, a coisa *em si* é impossível de ser conhecida.

O fato das coisas e serem *em-sí* (com uma essência impalpável, incognoscível) e não *para-sí* (que se dá em objeto, em experiência possível) limitam o conhecimento humano. Contudo, a perspectiva *em-si* abre a possibilidade da existência do pensamento e a constituição de objetos apenas inteligíveis (numênicos), tal como liberdade, amor, paz, deuses etc.

Na *Crítica da razão pura*, junto de um movimento dedutivo, Kant irá elencar os elementos através dos quais o sujeito determina o objeto. Tais elementos são, grosso modo, a resultante dos seus processos de conhecer, a memória, a consciência, os *a priori* a partir dos quais o ser humano irá configurar o mundo. Por outro lado, tal processo também serve como sustentáculo para uma moral racional, que dará ensejo ao esclarecimento que, em tese, possibilitaria a autonomia do sujeito, pois este, junto

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

de seu próprio pensar e conhecer, poderia viver por si mesmo, fora da tutela e das situações (im)postas por outrem. Ouse pensar por si mesmo! Eis o lema kantiano.

Um importante desdobramento da filosofia kantiana é o pensamento de Schopenhauer que buscou aperfeiçoar o pensamento de seu mestre e traçar uma crítica ao Idealismo formulado por outros discípulos de Kant como Fichte, Schelling e Hegel. Sua obra, um misto de Idealismo e Realismo, serviu de inspiração para Nietzsche e Freud, importantes fontes da constituição do saber contemporâneo.

O mote da crítica schopenhaueriana a Kant e seus discípulos idealistas encontra-se na abusiva utilização de uma racionalidade abstrata, uma filosofia constituída apenas de abstrações, de conceitos predominantemente abstratos. Para Schopenhauer a filosofia deve ocupar-se da vida, do homem, do mundo, do homem que vive no mundo. Segundo ele, Kant, ficcionado em simetrias, queria ordenar, através da razão, a multiplicidade do mundo.

Para Schopenhauer, a racionalidade, oriunda e elaborada a partir dos fenômenos pode sim representar o mundo, mas é insuficiente para abarcar todas as suas dimensões. Em sua obra *O mundo como vontade e representação* diz ele que para além dos conhecimentos, pensamentos e influências da relação ser humano-mundo, desse sujeito que representa o mundo, há, diante da característica *em-si* das coisas, um ímpeto, um querer, uma vontade que também constitui o mundo. Desde então, chamou, com base na obra kantiana, o fenômeno de representação e a *coisa em-si* de Vontade. Esta última, simplesmente, como um *querer-viver*.

Esse mundo dual, essa possibilidade de outros pontos de vista acerca do mundo, deu ensejo também a uma duplicidade do ser humano. Ele será a partir de então, por um lado, o sujeito do conhecimento e, terá por outro, um corpo em que a Vontade se manifesta. Haverá uma unidade dual, um organismo composto de corpo e conhecimento, em que a Vontade é um querer cego, obstinado, infinito e eterno, enquanto a representação é a participação de um sujeito finito no mundo.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

A idéia de organismo traz para a filosofia schopenhaueriana a idéia de morte e superação, em que o *querer-viver* é o consolo (imaneente) do indivíduo que morre, enquanto sua espécie permanece. De outro modo, o que tal filosofia quer expressar, principalmente, é a falta de um objetivo, de um fim em si mesmo para a Vontade.

Não há uma consciência transcendental que dê um sentido para a vida, para esse *querer viver*. E, trazendo seu pensamento para o campo da moral, Schopenhauer afirma que não há maior perversidade para o espírito humano – *perversität des gesinnungs* - que aceitar uma característica ilusória do mundo. Daí decorre sua crítica a Kant que postulou com seu imperativo categórico³ uma moral estritamente racional. Crítico de todo absolutismo, Schopenhauer dizia que a lei universal abstrata contida no imperativo categórico kantiano não afetaria em nada a desmedida humana, visto que é o próprio sujeito, em consonância com seus valores e finalidades, que formula e se coloca essa lei.

O conhecimento para Schopenhauer foge aos moldes idealistas abstratos de demonstração e dedução. Ele é um conhecimento intuitivo ao qual se chega através das manifestações da Vontade no corpo, invertendo o cógito cartesiano do *penso, logo existo* para *quero, logo existo*. É a primazia do *querer* sobre o intelecto humano, tendo em vista que ele é uma manifestação do corpo, que por sua vez, é uma manifestação da Vontade.

O intelecto, a consciência, está para o sujeito como fator de conservação do organismo. O *querer* é a força motriz do sujeito para des-velar o mundo, para superar as idéias a respeito do mundo e acerca de si mesmo. É uma *vontade de verdade* que se expressa como *um cobertor que sempre deixa nossos pés com frio. Você empurra, estica, nunca há suficiente. Você chuta, bate, nunca nos cobrirá. Desde que chegamos*

³ *Aja apenas segundo a máxima que você gostaria de ver transformada em lei universal.* (A metafísica da moral – 1797).

IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

chorando até partirmos mortos. Só cobrirá seu rosto, enquanto você berra, chora e grita⁴.

Schopenhauer encontrará nesse querer inobjetivo a origem de toda insatisfação e sofrimento humano, pois nunca se sacia, nunca se completa, nunca deixa de querer mais e mais. E é justamente quando esse querer atravessa a consciência, quando ele atravessa a representação de mundo que foi constituída pelo ou para o sujeito, que a dor, a ansiedade, o desassossego se manifestam. Eis a *Bruta flor do querer* cantada por Caetano Veloso⁵:

*Onde queres revólver, sou coqueiro
E onde queres dinheiro, sou paixão
Onde queres descanso, sou desejo
E onde sou só desejo, queres não
E onde não queres nada, nada falta
E onde voas bem alto, eu sou o chão
E onde pisas o chão, minha alma salta
E ganha liberdade na amplidão*

*Onde queres família, sou maluco
E onde queres romântico, burguês
Onde queres Leblon, sou Pernambuco
E onde queres eunuco, garanhão
Onde queres o sim e o não, talvez
E onde vês, eu não vislumbro razão
Onde o queres o lobo, eu sou o irmão
E onde queres cowboy, eu sou chinês*

*Ah! Bruta flor do querer
Ah! Bruta flor, bruta flor*

Livre de quê?

O prazer para Schopenhauer tem uma conotação negativa. Ele, no furacão da Vontade infinita, é apenas a ausência de sofrimento. Diante disso, postula que o princípio maior de uma vida ética é estagnar essa fonte de desprazer, é recusar a

⁴ DEAD POETS SOCIETY. Buena Vista home entertainment. 19-. Fala do personagem Tood Anderson.

⁵ VELOSO, C. *O querereres*.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Vontade. Essa postura marca o pensamento schopenhaueriano e dá o seu limite. Porquanto, deixa ao ser humano duas vias: a *negação da Vontade* – assim se tem o modo de vida do asceta ou do santo, um modo de vida aquém dos domínios da filosofia, tendo que esta se ocupa apenas do que é racional, do mundo que é racionalmente constituído por palavras e escritas –; ou então, a *afirmação da Vontade* – a afirmação da vida tal como ela é, com todo seu bem e seu mal, suas dores e alegrias, sabores e dissabores, e, principalmente, seu caráter infinito, invalorável e silencioso.

O ser humano nasce em um contexto social já previamente estabelecido e marcado por *verdades* junto das quais irá se constituir. Uma das verdades que mais prevaleceu na história da raça humana foi a verdade divina. A idéia de um Deus Todo Poderoso pressupõe uma verdade onipresente e onisciente que se propunha a responder a todas as inquietações e necessidades do ser humano. De tal forma que não havia questões a se fazer, pois Deus era a resposta de tudo. Não havia um ordenamento governamental historicamente estabelecido para se confrontar, porque tudo estava como Deus queria que estivesse. A verdade divina gerava a circulação de valores supra-sensíveis, materializados nos pecados e méritos, que eram os únicos referenciais do sujeito para dar forma a sua existência – extremamente desvalorizada nesse mundo em favor da promessa do reino dos céus que viria após sua morte.

Quaisquer questionamentos que pudessem ocorrer ao ser humano em relação à verdade divina deveriam ser tratados diretamente com Deus, ou melhor, com seus representantes terrenos, ou seja, a Igreja. Surge assim o que Foucault chamou de *poder pastoral* – a metáfora do rebanho conduzido por um só pastor. O sujeito, envolto pelo que a verdade divina estabelecia como pecado, como má conduta, dirigia-se ao confessor em busca de cura e entregava-se ao eclesiástico que, por sua vez, moldava e dominava sua subjetividade.

A própria noção de tempo era regulada por essa verdade. No mote em que a vida humana no planeta Terra era apenas o umbral para um iluminado e perfeito

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

mundo porvir reinava a concepção de um tempo de preparação. Somente com a volta do Cristo iniciaria um tempo histórico. A função do soberano, oriundo dos consensos entre o trono e o altar, era governar o povo – pastorá-lo – para esse mundo extraterrestre.

O movimento protestante surge no intento de romper essa aliança entre o clero e a monarquia. Seu primeiro deslocamento encontra-se justamente na ruptura com essa idéia de tempo, que se volta agora ao que está ocorrendo e não mais ao que ocorrerá. Dessa idéia de tempo histórico decorre o segundo deslocamento, que tem por base o propósito de que o próprio sujeito é o responsável por sua salvação. Origina-se de tal propósito a *Razão do Estado*, pois a ótica da vida humana no planeta Terra muda. A organização ou administração da sociedade não mais se dá na espera de um mundo porvir, mas junto de uma realidade que já está acontecendo. O Estado surge como resultante dos propósitos da sociedade, mas em um primeiro momento, à parte desta. O Estado, em um movimento de conservação e expansão, levanta-se como um fim em si mesmo.

No século XVI, entre os Estados europeus, é firmado um compromisso para impedir que, diante do ímpeto cego de conservação e superação, um determinado Estado não se tornasse um novo império e, em decorrência de tal poder, tivesse a pretensão de dominar seus Estados vizinhos. Caso algum entre eles quisesse aumentar seus domínios teria de fazê-lo fora daquele local. Surgem daí as navegações. Mas, caso um Estado quisesse se sobrepor a outro que fosse seu parceiro, a guerra seria justificada. Surgem deste pensamento, dispositivos militares e diplomáticos para manter as forças em equilíbrio. Assim, mesmo em tempos de paz, haviam exércitos prontos para atacar ou revidar qualquer ameaça ao seu território.

Além do macro equilíbrio estabelecido entre os Estados, no interior destes, no final do século XVI e início do século XVII, é criado um outro dispositivo para atuar nas microesferas destes. O dispositivo *policia*l tinha como propósito intervir e administrar *até o mais fino grão da sociedade*, visando o crescimento e a manutenção

IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

das forças internas do Estado, fomentando uma nação densa e produtiva – o trabalho ao invés da vagabundagem, homens e mulheres fortes e saudáveis por meio de auxílios saúde, alimentação, moradia, educação etc.

A partir do início do século XVIII, Foucault⁶ diz ter havido uma transformação na forma de atuação do dispositivo policial. Na tentativa de regular o comércio e o consumo do cereal, viu-se que a intervenção do Estado não estava ocorrendo aos contentos da população que propõe a livre circulação dos grãos para que haja o equilíbrio, o bem e a satisfação de ambos. O Estado, a partir de então, deixa de ser um fim em si mesmo e passa a atender os interesses civís e, conseqüentemente, os interesses individuais e públicos. Desse movimento, duas figuras começam a se destacar: o *economista* (para regulação e controle) e o *publicitário* (para fomento e criação de desejos). Tais figuras e suas funções delimitariam a *boa circulação* de produtos e valores na sociedade, enquanto o dispositivo policial – que outrora fora regido pela estatística – prestar-se-ia a impedir as *más circulações*. Eis o Liberalismo clássico.

O Liberalismo encontra-se na mediação entre algo que está desmoranando (a sociedade Feudal) e algo que está emergindo (a burguesia, o capitalismo como apropriação do mundo). Diante da idéia de que o Estado governa em demasia surge a *economia política* que sai da lógica de um julgamento moral do Estado (bem e mal) para um julgamento de sua eficácia, que deflagraria se este estava sabendo ou não conter sua forma de governar. O mecanismo escolhido para ser o crivo de tal julgamento – o espaço de veridicidade – é o Mercado – a circulação das mercadorias.

O Liberalismo é a resultante de um regime de verdades somado as técnicas de práticas políticas. O mercado como laboratório de testes da arte de governar é o espaço para a troca, o jogo, a lógica de interesses (mercadorias) e a produção de

⁶ FOUCAULT, M. *Segurança, território e população*. Curso no Collège de France 1977-1978. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

verdades – queda da bolsa de valores, alta dos juros, risco Brasil, moda, tendências, obsolescência etc. – voltados para a criação e manipulação de necessidades.

É justo destacar, que no Liberalismo clássico pairava certa ingenuidade em tomar que na sociedade havia um espaço natural livre para as trocas e circulação de mercadorias entre os cidadãos. Com a crise de 1929 e outros sinais viu-se que tal natureza existia. Tomou-se então a necessidade de produzir um âmbito de concorrência. O Estado, desde a tenra infância do cidadão, deveria inculcar em seus partícipes a lógica do mercado.

A noção de tempo muda novamente. Retomam-se as técnicas de administração sociais voltadas para o futuro, contudo, um futuro que se realizará aqui mesmo nesse planeta. É claro que, diante dos medos reais e possivelmente irrealizáveis (assaltos nos semáforos e o fogo do inferno) se proliferaram em velocidade altíssima as indústrias, agências, seitas e religiões que, junto da promessa da vinda de um novo Cristo para reestabelecimento da paz e fim do sofrimento, imobilizam multidões, utilizando-se da captura de suas esperanças como mecanismo de poder, movimentando, assim, fortunas incalculáveis. Eis o Neoliberalismo.

Na política neoliberal, a existência da *desigualdade* é o que mantém a concorrência do e no mercado. O Estado deve se ausentar ao máximo. Suas ações ordenadoras e reguladoras encontram-se em prol de guarnecer o mercado, constituir um escudo, leis e mecanismos jurídicos, campos e formas que o favoreçam. Não se age diretamente na economia, mas nas *condições condicionantes* da economia. Assim, o Estado tem como limite de sua ação tomar o excedente de riqueza de alguns (o super luxo) e diluí-lo junto dos mais miseráveis como garantia de vida para uns (Bolsa Família, por exemplo) e espiação dos pecados para outros (solidariedade, caridade, etc.), o que agrega e produz na sociedade a ilusão da possibilidade de ascensão.

O regime de privatização estatal se faz presente para solidificar a lógica de que o sujeito deve gozar dos prazeres sociais por seus méritos próprios. Eis um Estado-

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Mercado e um Sujeito-Empresa. Não há mais um projeto de sociedade e todo fracasso é culpa dos sujeitos que não foram bons empreendedores o suficiente.

A vida na contemporaneidade é produzida e administrada pelos governos através das biopolíticas que criam realidades e liberdades (de consumo) por meio das vendas de *estilos de vida*, que carregam consigo necessidades fisiológicas e uma gama de produtos friamente elaborados por meio de uma *razão instrumental*.

A *obsolescência programada* de tais produtos, estilos de vida e realidades imprime no sujeito simultaneamente um imenso vazio e uma incapacidade de afetar-se, de sentir e (re)agir criativamente que, nos termos de Boaventura de Souza Santos, seria a *razão inerte*, por um lado; e, uma sensação feliz de liberdade que lhe traria a vivência de uma plenitude opaca que, para o mesmo autor, seria uma razão displicente. Tais razões objetivariam a produção de um sujeito que consuma e se aliene de suas materializações e da própria vida cada vez mais.

Que importa isso a Zarathustra?

Aos trinta anos Zarathustra afastou-se da sua pátria e do lago da sua pátria, e dirigiu-se à montanha. Durante dez anos gozou por lá do seu espírito e da sua solidão sem se cansar. Variaram, no entanto, os seus sentimentos, e uma manhã, erguendo-se com a aurora, pôs-se em frente do sol e falou-lhe da seguinte maneira: “Grande astro! Que seria da tua felicidade se te faltassem aqueles a quem iluminas? Faz dez anos que te apresentas à minha caverna, e, sem mim, sem a minha águia e a minha serpente, haver-te-ias cansado da tua luz e deste caminho. Nós, porém, te aguardávamos todas as manhãs, tomávamos-te o supérfluo e bendizíamos-te. Pois bem: já estou tão enfasiado da minha sabedoria, como a abelha quando acumula demasiado mel. Necessito mãos que se estendam para mim. Quisera dar e repartir até que os sábios tornassem a gozar da sua loucura e os pobres, da sua riqueza. [...] Abençoa a taça que quer transbordar, para que dela jorrem as douradas águas, levando a todos os lábios o reflexo da tua alegria! Olha! Esta taça quer de novo esvaziar-se, e Zarathustra quer tornar a ser homem”. Assim principiou o ocaso de Zarathustra⁷.

⁷ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zarathustra* – um livro para todos e para ninguém. São Paulo, Martin Claret Ltda. 2006, p. 23.

IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Para *um móbile solto no furacão*, a calma lhe traz solidão. Mas não é uma soledade da qual se queira gozar. E assim diz ele: *quando a âncora do meu navio encosta no fundo, no chão, imediatamente se acende um pavio e detona-se minha explosão. Que me ativa, me lança pra longe, pra outros lugares, pra novos presentes. Ninguém me sente. Somente eu posso saber o que me faz feliz*⁸. Assim, segue seu caminho. Da mesma forma, Zaratustra:

desceu sozinho das montanhas sem encontrar ninguém. Ao chegar aos bosques deparou-se-lhe de repente um velho de cabelos brancos que saíra da sua sagrada cabana para procurar raízes na selva. E o velho falou a Zaratustra desta maneira: “Este viandante não me é estranho: passou por aqui há anos. Chamava-se Zaratustra, mas mudou. Nesse tempo levava as suas cinzas para a montanha. Querirá levar hoje o seu fogo para os vales? Não terá medo do castigo que se reserva aos incendiários? Sim; reconheço Zaratustra. O seu olhar, no entanto, e a sua boca não revelam nenhum enfado. Parece que se dirige para aqui como um bailarino! Zaratustra mudou, Zaratustra tornou-se menino, Zaratustra está acordado. Que vais fazer agora entre os que dormem? Como no mar vivias, no isolamento, e o mar te levava. Desgraçado! Queres saltar em terra? Desgraçado! Queres tornar a arrastar tu mesmo o teu corpo?” Zaratustra respondeu: “Amo os homens”. “Pois por que — disse o santo — vim eu para a solidão? Não foi por amar demasiadamente os homens? Agora, amo a Deus; não amo os homens. O homem é, para mim, coisa sobremaneira incompleta. O amor pelo homem matar-me-ia”. Zaratustra respondeu: “Falei de amor! Trago uma dádiva aos homens”. “Nada lhes dê — disse o santo. — Pelo contrário, tira-lhes qualquer coisa e eles logo te ajudarão a levá-la. Nada lhes convirá melhor, de que quanto a ti te convenha. E se queres dar não lhes dê mais do que uma esmola, e ainda assim espera que tá peçam”. “Não — respondeu Zaratustra; — eu não dou esmolas. Não sou bastante pobre para isso”. O santo pôs-se a rir de Zaratustra e falou assim: “Então vê lá como te arranjas para te aceitarem os tesouros. Eles desconfiam dos solitários e não acreditam que tenhamos força para dar. As nossas passadas soam solitariamente demais nas ruas. E, ao ouvi-las perguntam assim como de noite, quando, deitados nas suas camas, ouvem passar um homem muito antes do alvorecer: Aonde irá o ladrão? Não vás para os homens! Fica no bosque! Prefere à deles a companhia dos animais! Por que não queres ser como eu, urso entre os ursos, ave entre as aves?”. “E que faz o santo no bosque?” — perguntou Zaratustra. O santo respondeu: “Faço cânticos e canto-os, e quando faço cânticos rio, choro e murmuro. Assim louvo a Deus. Com cânticos, lágrimas, risos e murmúrios louvo ao Deus que é meu Deus. Mas, deixa ver: que presente nos trazes?”. Ao ouvir estas palavras, Zaratustra cumprimentou o santo e disse-lhe: “Que teria eu para vos dar? O que tens a fazer é deixar-me caminhar, correndo, para vos não tirar coisa nenhuma”. E assim se separaram um do outro, o

⁸ MOSKA, P. Um móbile solto no furacão. No álbum *Móbile*.

IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

velho e o homem, rindo como riem duas criaturas. Quando, porém, Zaratustra se viu só, falou assim, ao seu coração: “Será possível que este santo ancião ainda não ouviu no seu bosque que Deus já morreu?”⁹

Amo os que não procuram por detrás das estrelas uma razão para sucumbir e oferecer-se em sacrifício¹⁰. Quando não há mais um projeto de sociedade e o sofrimento se torna a essência da vida a crueldade se torna um deleite para os incivilizados. E como diria uma canção da Legião Urbana: Parece cocaína, mas é só tristeza. [...] E há tempos nem os santos têm ao certo a medida da maldade. E há tempos são os jovens que adoecem. Patologiza-se para manter o status quo – a lógica do mercado. Todos querem o mesmo, todos são iguais: o que pensa diferente tende a ir para o manicômio¹¹.

Fala-se em demasia do futuro a fim de regular a errância da vida. As questões que roçam o campo da Educação estão extremamente povoadas de discursos para se exercer e estabelecer o poder através de verdades. Dessa forma, muito se diz que os grandes problemas da Educação encontram-se no processo educativo ou, pior ainda, na incompletude da criança, sem levar em consideração a sacralidade das objetificações culturais que são produzidas nos altares da vida adulta como sinônimo de completude. *O homem é superável. Que fizeste para o superar? [...] Noutro tempo fostes macaco, e hoje o homem é ainda mais macaco do que todos os macacos. [...] Noutros tempos, blasfemar contra Deus era a maior das blasfêmias; mas Deus morreu, e com ele morreram tais blasfêmias¹².*

Livre, para quê?

⁹ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra* – um livro para todos e para ninguém. São Paulo, Martin Claret Ltda. 2006, p. 23-25.

¹⁰ Idem. p.27.

¹¹ Idem. p.29.

¹² Idem. p.25.

IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Explosão e ocaso. Inquietação. O móbile que perde o movimento e, assim, a possibilidade de dançar. A taça que quer esvaziar-se e necessita de mão para que possa dar e repartir. É justo destacar que, antes do querer esvaziar-se, a taça teve de encher-se, e para tanto, parte para a solidão a fim de transformar cinzas em chamas. Do mesmo modo, a explosão abre e leva o sujeito-móbile para o des-conhecido, para sua própria des-construção e a demolição de i-mundos. Eis o paradoxo da vida, já bem expresso por Heráclito: *Viver de morte. Morrer de vida. É preciso ter um caos dentro de si para dar luz a uma estrela cintilante*¹³, complementa Zaratustra e ensina a *morrer a tempo*, entretanto, lembra-se:

*aquele que nunca viveu a tempo, como há de morrer a tempo? [...] Até os supérfluos, contudo, se fazem importantes com a sua morte, e até a noz mais oca quer ser partida. [...] O que queira desfrutar a glória deve despedir-se a tempo das honras e exercer a difícil arte de se retirar oportunamente.*¹⁴

Na praça, Zaratustra diz que *o homem é a corda estendida entre o animal e o além-do-homem: uma corda sobre um abismo; perigosa travessia, perigoso caminhar; perigoso olhar para traz, perigoso tremer e parar*¹⁵. No caminho, expressa o móbile: *você diz que não me reconhece, que não sou o mesmo de ontem, que tudo que eu falo ou faço não te satisfaz. Mas não percebe que quando eu mudo é porque estou vivendo cada segundo e você como se fosse uma eternidade a mais*¹⁶.

A vida, já dizia Nietzsche em *Crepúsculo dos ídolos*, é o único valor que não pode ser avaliado. Tanto a metáfora do relógio que sustentou durante séculos a noção do universo como uma grande máquina composta por pequenas engrenagens e a mais recente metáfora do sistema que destaca a inter-retroconectividade de todo o universo

¹³ Idem. p. 28.

¹⁴ Idem. p. 67.

¹⁵ Idem. p. 27.

¹⁶ MOSKA, P. 200-.

IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

não passam de sintomas, indícios ou materializações da vida. A vida não pode ser captada em sua plenitude.

A narrativa e/ou a escrita é a fixidez dos lugares e do reconhecimento ou não daquele que se expressa. A Educação e seus componentes – educadores, educandos, pensadores e pesquisadores – lança suas redes de práticas e conhecimentos tentando justificar a vida, ou melhor, a metáfora de vida que construiu para si através dos tempos. Não é exagero retomar Neruda: *Sou só a rede vazia diante dos olhos humanos na escuridão e de dedos habituados à longitude do tímido globo de uma laranja*¹⁷.

Diz Zaratustra:

Vós outros andais muito solícitos em redor do próximo, e manifestai-o com belas palavras. Mas eu vos digo: o vosso amor ao próximo é vosso meu amor a vós mesmos. Fugis de vós em busca do próximo, e quereis converter isso numa virtude; mas eu compreendo o vosso “desinteresse”. O Tu é mais velho do que Eu; o Tu acha-se santificado, mas o Eu ainda não. Por isso o homem anda diligente atrás do próximo. Acaso vos aconselho o amor ao próximo? Antes vos aconselho a fuga do “próximo” e o amor ao remoto! Mais elevado que o amor ao próximo é o amor ao longínquo, ao que está por vir, mais alto ainda que o amor ao homem coloco o amor às coisas e aos fantasmas. Esse fantasma que corre diante de vós, meus irmãos, é mais belo que vós. Por que lhe não dais a vossa carne e os vossos ossos? Mas tende-lhes medo e fugis à procura do vosso próximo. [...] Os mais afastados são os que pagam o nosso amor ao próximo, e, quando vós juntais cinco, deve morrer um sexto.

Há tempos pensou-se que uma educação inclusiva, uma educação que arrebanhasse a todos seria a panacéia dos problemas e o trampolim para uma sociedade melhor. Mas, com o tempo, entendeu-se que incluir não é sinônimo e garantia de aprendizado e melhoria de sociedade. Há tempos pensou-se em capacitar

¹⁷ NERUDA, P. Extraído do filme *Ponto de mutação* de Bernet Capra, 1990.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009

Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

professores. Mas, se esqueceram de pensar quem e para quê educar. Há tempos... há tempos...

*Disseste que se tua voz tivesse força igual a imensa dor que sente teu grito acordaria não só a tua casa, mas a vizinhança inteira*¹⁸. O que sabe o corpo que a consciência não sabe? Sabe que, por muito tempo, esse tal grito será um grito de dor, pois é o grito da ânsia de encontrar-se a si mesmo na canção da vida. E *o que procura facilmente se perde*¹⁹ ou desafina diz o rebanho e nossas lógicas humanas (educacionais e mercadológicas) de des-harmonia.

Talvez a Psicologia voltada ao campo da Educação possa contribuir para que a música da vida no planeta Terra não deixe de tocar. Atonal ou descompassada, ao menos, parece certo, que ela não cabe por inteiro em nenhuma das partituras ou instrumentos musicais criados pelo ser humano. Mas, também parece certo, que este último, este *móvil solto no furacão*, canta e dança em delírio tal canção, sem distinguir, em muitos compassos, o instante em que se faz criador ou criatura, intérprete ou platéia, instrumento ou arranjador.

CONCLUSÃO

O ser humano se produz nos movimentos de des-construção de mundos. A cada hora surgem novas metáforas para povoar de nomes, sentidos e lugares uma existência feita de mistério, encanto e solidão. Disse Zaratustra que *o homem é um rio turvo*. E que *é preciso ser um mar para, sem se toldar, receber um rio turvo*²⁰. Agora, ao final desse texto, uma onda parece dizer: a vida está para além do bem e do mal. É preciso ser um móvil para, sem se fixar, viver a experiência de estar vivo.

¹⁸ BONFA, M.; RUSSO, R. Há tempos. Álbum *As 4 estações*.

¹⁹ NIETZSCHE, F. 2006, p. 60.

²⁰ NIETZSCHE, F. 2006, p. 26.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOBBIO, N. **A Era dos Direitos**, 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- CACCIOLA, M. L. **Schopenhauer crítico de Kant**. Palestra proferida no primeiro curso livre de humanidades. São Paulo: Cultura Marcas, 2004.
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal. 1998.
- GONZALES, E.T.Q. **A filosofia do Direito na idade antiga** 1ª ed. Rio Claro: 2005.
- FOUCAULT. M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda. 2007.
- _____ **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro. Ed. Nau. 1996.
- _____ **Microfísica do poder**. 24ª ed. Tradução Roberto Machado. São Paulo: Graal.2007.
- _____ **Omnes et Singulatim: Uma crítica da razão política**. In: MOTTA, M. (Org.) 2006 **Estratégia, poder-saber**. Coleção Ditos & Escritos. Rio de Janeiro: Forense, 1985. p.355-385.
- _____ **Segurança, território e população**. Curso no Collège de France 1977-1978. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- GIACOIA JUNIOR, W. **Nietzsche**. 1ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- _____ **Pequeno dicionário de filosofia contemporânea**. 1ª ed. São Paulo: Publifolha, 2006.
- NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. Tradução, notas e posfácio. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras 2001.
- _____ **Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras 1992.
- _____ **Assim Falou Zaratustra**. Martin Claret. São Paulo: 2005.

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

_____ **Crepúsculo dos ídolos ou Como filosofar com o martelo.** São Paulo: Nova Cultural, 1999.